



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Luiz Flavio Alves Rodrigues**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado:** Luiz Flavio Alves Rodrigues

**Nascimento:** 18/09/1951

**Local da entrevista:** Porto Alegre

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 19/09/2013

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Total de gravação:** Cinquenta e um minutos e quarenta e sete segundos

**Páginas Digitadas:** Trinta e quatro páginas

**Observações:** Informar se o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento e/ou se a entrevista pertence a um projeto específico. Ver orientações no Manual.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Identificação e entorno social; Ocupação profissional atual; Início na Dança; Escola de Dança João Luiz Rolla; Metodologia de aulas e criação; Relação pessoal com professor Rolla; Período que saiu da escola; Período de internação do professor Rolla na clínica; Visita a ESEF e doação do acervo; Velório e sepultamento; Estilo da Escola de João Luiz Rolla; O professor Rolla e os espetáculos; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 19 de setembro de 2013. Entrevista com Luiz Flavio Alves Rodrigues a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M. C. – Gostaria que me dissesse teu nome completo?

L.R. - Luiz Flavio Alves Rodrigues

M.C. - Qual tua data de nascimento?

L.R. - 18/09/1951

M. C. – Qual tua naturalidade?

L. R. – Sou de Porto Alegre.

M. C. – Me conta um pouquinho da tua história. Qual a tua profissão? Um pouquinho do começo de tudo, até a gente chegar ao Professor Rolla.

L. R. – Eu nasci em Porto Alegre mesmo, no bairro Menino Deus, morei algum tempo aqui... A cinquenta e cinco anos atrás, aqui mesmo no Jardim Botânico. Depois eu morei um tempo na Cidade Baixa e estudei no Pão dos Pobres em regime de internato. Me formei lá em Artes Gráfica. Trabalhei muito tempo no Correio do Povo, Folha da tarde. E paralelo a isso eu tive uma formação a religião de matrizes africanas. Então, depois que eu terminei esse período de trabalho, essa função de profissional eu acabei me dedicando ao que na realidade, pra que eu fui criado... Servir o sacerdócio dentro da tradição africana.

M. C. – Certo! Tem algum nome, alguma nomenclatura, essa formação religiosa?

L. R. – Na verdade seria, eu não gosto muito do termo, Pai e Mãe de Santo. É meio folclórico e, de certa forma, fica meio pejorativo.

M. C. – Sim! Mas existe uma religião?

L. R. – Sim, sim, sim. Existe uma religião de Matriz Africana. Que aqui no Brasil, no Rio Grande do Sul, chamam de batuque. Depois de um tempo, eu tive que arrumar um espaço maior para isso, então eu fui morar em Alvorada. Onde eu tenho o meu terreiro. E atualmente é isso que eu faço. Eu tenho um grupo de pessoas, um grupo relativamente

Luiz Flavio Alves Rodrigues

grande, que seria, passando para a tradição Católica, seriam os meus paroquianos [risos] são os meus filhos de Santo. Então atualmente eu estou dedicado a isso.

M. C. – E há quanto tempo tu estas envolvido?

L. R. – Desde que nasci! [riso]

M. C. – sim, sim! Mas, eu digo, estando lá em Alvorada?

L. R. – Em Alvorada, trinta e cinco anos. Na verdade eu fui iniciado nessa tradição, aqui no Jardim Botânico mesmo. É a minha ocupação maior, na verdade é um sacerdócio, é como um padre. Tenho gente diariamente em minha volta em função disso.

M. C. – Certo! Então, tomou grande parte da tua vida?

L. R. – Sim, sim...

M. C. – E em que em momento da tua vida, tu encontraste o Professor Rolla?

L. R. – Aos dezessete anos, através do Ademar<sup>1</sup>... Nós tínhamos amigos em comum, ele já fazia baile espanhol com a Maruja<sup>2</sup>. Ele fazia baile espanhol, e balé clássico com a Maruja, uma professora... acho que uma das primeiras professoras de baile espanhol em Porto Alegre. E tínhamos amigos em comum, a gente acabou se conhecendo e ele me direcionando para o baile espanhol, que eu andava a procura. Através do baile espanhol, como eu fui sempre muito agitado ele sempre me sugeriu: “quem sabe tu não faz balé clássico”, para de certa forma afinar [risos]. Eu digo, “quem sabe seria bom, talvez...” Acabei entrando em contato com o Rolla... Isso em... Isso em 1969, 1968, 1969, não sou muito bom de datas. Em 1969, porque em 1970 eu estava fazendo o quartel, o serviço militar... Mas, já estava... Eu acho que 1968... Fim de 1968 começo de 1969, que eu comecei... Quando tive o primeiro contato com o Rolla e comecei a fazer aula, já fazia baile espanhol com a Maruja.

M. C. – Como é que foi isso, o Ademar te levou para conhecer a escola?

L. R. – O Ademar me levou para conhecer a escola, eu não fui sozinho. Ele falou com o seu Rolla e eu me apresentei para o seu Rolla. Eu era agitado possuía físico de obreiro. Se

---

<sup>1</sup> Ademar Dornelles Patta, ex-aluno da escola de dança de João Luiz Rolla.

<sup>2</sup> Maria Ester Vieites.

eu não me engano em 1970 eu prestei serviço militar, eu acho que foi isso, fim de 1968 Por aí!

M. C. – E tu começaste a fazer aulas?

L. R. – Eu comecei a fazer aula, escondido da família, imagina [risos] Há quarenta e três anos atrás. E escondido do quartel, pois um bailarino no quartel era inadmissível. Porque como eu fazia baile espanhol, eu carregava em sacolas a roupa de dança. Tinha que ser escondido, porque se aparecesse no quartel... E apareceu! Eu estava fazendo aula com a Maruja. Saí da aula, e os soldados tinham que andar fardados fora do quartel, e eu estava sem farda e fui preso, e aí apareceu no quartel [risos]. Foi um escândalo! [risos] Mas na boa, consegui superar. Foi uma gozação até o fim do ano! [risos]

M. C. – Mas, que aulas então tu fazias? Balé Clássico?

L. R. – Balé Clássico.

M. C. – Era na turma do Ademar?

L. R. – Fiz aula com o Ademar, e fazia aula na turma das formandas e formadas. Das dezoito e trinta às vinte horas.

M. C. – Quanto tempo tu ficastes dançando lá?

L. R. – Olha eu parei de dançar, com trinta e sete, trinta e oito anos. Eu dançava já no grupo Bale de Câmara do Sul e dançava com escolas de Porto Alegre. Fazia aula com o seu Rolla, com a Regina e professores do grupo. Estive com ele dos dezessete aos trinta e sete anos... Mas de vez em quando, eu sumia um pouco, parava um pouco. Mas fiquei até ele fechar a escola.

M. C. – Então nessa primeira fase, tu tinhas quantos anos?

L. R. – Dezessete anos...

M. C. – Quantos homens tinham na turma?

L. R. – Eu e o Ademar.

M. C. – Só vocês dois? E o restante eram todas meninas?

L. R. – Todas meninas.

M. C. – Vocês prepararam, participaram de algum espetáculo?

L. R. – *Sim!*

M. C. – Quais tu te lembras?

L. R. – Acho que de lá... Todos eu acho, todos! Eu só não dancei um grande balé dele que foi o 2001 uma odisseia pelas fronteiras sem fim da dança. E eu acho que foi um ou dois, balés dele que eu não dancei, o resto todos eu dancei. Na realidade nessa época os bailarinos de Porto Alegre, era Ademar, eu, Célio Trigo, e um outro moço, que eu não lembro... Marcos<sup>3</sup>... não lembro o sobrenome. Sabe que não havia, não tinha muitos bailarinos, o Célio era o primeiro com certeza, Célio e Ademar... Eu acho que eu era o terceiro, porque nós éramos três. [risos] Mas, nessa época não era um momento de muitos bailarinos em Porto Alegre. O que tinha, o pessoal que tinha de dança em Porto Alegre estava muito longe há muito tempo já. Mas, em Porto Alegre o que tinha era o Célio da Toni<sup>4</sup>, e eu e o Ademar do seu Rolla, e esse menino... Marcos que eu não lembro. Não sei se trabalhava com a Eneida<sup>5</sup>. Não lembro exatamente, Marcos, que sumiu no tempo também.

M. C. – E como eram as aulas do Professor Rolla?

L. R. – Ele tinha uma sequencia assim, um crescente nelas, ele tinha umas aulas que eram muito boas, era ele mesmo que dava aula. Ele tinha um crescente, um aquecimento tranquilo, plié, battement, tendu. Eu não sei, eu não lembro mais exatamente, mas ele vinha em uma crescente, tinha uma sequencia bem construída. Era uma aula não muito longa, mas não era curta e te dava uma boa base para centro e para ensaio após... Eram bem boas essas aulas.

M. C. – E coreograficamente como era a composição dele? Ele chegava em aula com coreografias prontas?

L. R. – Não, não, não! O seu Rolla tinha, ele tinha ideias, que ele começava a montar devagar. Teve uma época que ele pegava movimentos... Era como se ele fizesse aos

---

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>4</sup> Antônia Seitz Petzhold.

<sup>5</sup> Eneida Dreher.

pedacinhos até construir o que ele realmente queria. Me lembro que teve uma época que ele estava muito ligado em alguma coisa de tango, ele pedia, ele comentava a respeito disso e dizia: “executem passos de tango livremente.” Não exatamente que isso ele fosse fazer... Mas, usasse isso em outro trabalho que não teria nada haver essa expressão...os elementos daquela dança. De repente ele ia construindo isso, e a gente ia... Não sei, não sei se eu tinha consciência, agora sim! Se eu tinha consciência do que eu estava fazendo exatamente isso, entende? Porque às vezes ficava meio confuso para mim até, talvez eu fosse muito garoto, mas agora eu percebo como ele criava, entende? Ia construindo aos poucos... Em partes, pelo menos eu, essa é a minha visão, em partes ele ia fazendo até que ele dizia “eu quero é isso!”, ele pegava vários elementos, que eu não percebia exatamente o que ele estava fazendo, para de repente ele me dizer: “Eu quero é isso!”. Juntava tudo...

M. C. – E os bailarinos contribuíam, ou ele chegava e dizia faz isso Flavio, faz isso Ademar.

L. R. – Não, não! Teve uma época que não, que ele coreografava. Depois ele pedia muito isso. “Eu quero que tu faças para mim!”, por exemplo. Ele sempre dizia que eu era o típico bailarino popular [risos], ele dizia: “Flavio me dança batuque, faz uma dança de santo para mim aí” sabe?

M. C. – Sim!

L. R. – E daí eu fazia uma dança de santo qualquer, nada estava resolvido, mas de repente ele usava isso... dentro de um trabalho qualquer dele. E aí ele começou... acho que foi uma época muito boa, que ele começou a pedir para as pessoas que estavam trabalhando para fazerem...Criarem junto com ele. Eu acho que isso, na época do sesqui centenário do Brasil. Foi uma época muito boa, de coreografias e de participação das alunas. Eu não sei te dizer exatamente se as alunas tinham consciência, ou se ele estava provocando consciência de que estava fazendo as alunas trabalharem, entende? Mas, eu acho que ele estava fazendo um trabalho, que estava instigando. Ele estava te fazendo criar. Um momento muito importante!

M. C. – Como era a tua relação pessoal com ele?

L. R. – O seu Rolla era um paizão, sabe? Até pela criação da gente e a dele também. Eu sempre tratei ele de seu Rolla, nunca, jamais eu chamei de Rolla, nunca! Mas, ele era um



paizão, ele era meio que severo, meio que divertido, meio que gozador, sabe? [risos] Te dava liberdade, mas, não tinha como ultrapassar, sabe? A gente tinha um carinho, pelo menos eu tinha um carinho com ele meio que de paizão assim, se não de pai, ou tio, sabe? Ele era meio professor, meio paizão, meio tio, ele era muito amigão. Quando a gente saía, quando terminava as aulas, tinha uma bar, eu não lembro agora qual era o nome. Tinha um bar *bem* na frente do Araújo Viana<sup>6</sup>, que a gente sempre ia comer. Tinha um outro na rua Vigário José Inácio, lá em cima, que ele chamava de “Montanhosa”. Então sempre tinha essa coisa de sair após a aula para jantar. O que eu acho engraçado, é que ele era professor dentro da sala de aula e *ele era amigo, mas também professor*, porque ele estava sempre ensinando, sempre te conduzindo, agora eu percebo, mas na época talvez eu não tivesse entendimento disso. Ele falava muito a respeito de Porto Alegre. Ele tinha um conhecimento *enorme* de Porto Alegre, era uma enciclopédia! Falava muito a respeito de dança, falava muito a respeito de vida, de condição de vida, na época... Te educava dentro e fora da aula... Eu não sei se também, talvez por serem *homens* dentro da dança... No momento de ditadura, no momento de muita repressão, no meio de muito preconceito a respeito disso, eu acho que ele me observava e me dava sugestões de comportamento. Eu tive educação Católica, e educação Lassalista, educação bem rígida. Então tinha essa coisa de “sim senhor”! Mas ele me deu polimento, me ensinou a ouvir... Meio que, meio que me burilou.

M. C. – Sim, entendo!

L. R. – Sabe? Ele não ditava comportamento, não fazia isso, mas a primeira vez que a gente foi jantar junto, na época a Avenida Independência era muito chique. E ele disse para mim, “nós vamos para o espetáculo e depois a gente vai jantar”, e eu disse: “seu Rolla, eu não tenho condições de frequentar um lugar desses!” Barcaça<sup>7</sup>, que era na avenida Independência que era de elite. Nunca tinha frequentado essas coisas, nunca tinha ido... Imagina a Independência era uma região da alta burguesia, naquela época ainda, e mais ainda porque eram aqueles casarões imensos. E eu não tinha esta educação, prato, pratinho, pratão sabe? [risos] Eu percebi depois, que estrategicamente ele me colocou perto dele, com um grupo bem tranquilo assim, que se em determinado momento eu errasse conseguiriam contornar. Mas foi tudo bem! Depois ele me chamou, “mas Flavio tu me

---

<sup>6</sup> Auditório Araújo Vianna em Porto Alegre.

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

falasse que nunca foi em um lugar desses para jantar? Mas, eu não te vi diferente!”. “Seu Rolla eu fiz o que todo mundo fez!” [risos] Ele sabia que eu estava copiando. [risos] Então, também me deu polimento... Me fez observar, sabe? Deu aquela burilada do Balé Clássico no popular! [risos] Foi me educando.

M. C. – E tu dançou bastante tempo na escola?...

L. R. – Sim!

M. C. – Quando tu saiu, foi quando a escola fechou?

L. R. – Sim!

M. C. – O que tu podes contar deste momento?

L. R. – Exatamente o que aconteceu eu não sei. Alguém queria aquele espaço e pressionou de alguma forma ou outra... Para que ele sáísse... Sinceramente eu não sei, não sei exatamente o que aconteceu. Foi muito traumatizante, tanto para ele como para a gente, foi assim, um momento de ruptura. Foi o término da escola e ele já estava mais velho. Pra ele... Tanto para ele quanto para gente... Foi um “deu para ti”.

M. C. – Entendo! E ele não dançou mais então?

L. R. – Não, não, fechou a escola mesmo. Donos de escolas chamavam ele para dar aula, ele passou a ser professor convidado! Mas, foi muito ruim para ele, até porque pressionaram para pegar o espaço e não fizeram um bom uso. Nesse momento eu também estava em uma fase conturbada da minha vida, tive que correr para um lado e para outro também, então eu não me interei. Na verdade eu quis me esconder. Foi um momento que terminou, para ele terminou, para gente terminou. Vou simplificar, acabou, foi o fim de uma grande escola.

M. C. – Era um grupo grande?

L. R. – Um grupo grande claro, era uma escola toda, era uma, era um, um... Quase um estilo de vida, uma linha de dança, sabe? Afinal de contas, era o seu Rolla! [risos] Então aquilo, parece que era uma coisa tão sólida, e de repente isso veio meio que... Isso vai se terminar, de uma forma não muito, não... Eu não sei te dizer exatamente o que aconteceu...

Não sei dizer mesmo, até porque eu me escondi, saí fora para não ter que me envolver com isso, quer dizer, não sofrer com isso também. Mas, foi muito traumatizante.

M. C. – E dá fase final, então, o que tu tens para me contar sobre quando ele foi para a clínica?

L. R. – *Clínica!* Foi no momento que exatamente... Terminou a escola, sabe? O seu Rolla tinha uma finesse. Aí morreu a irmã, e ele acabou ficando sozinho. Aí acabou na clínica, ele tinha consciência dele, entende? Mas ele não era pedante. Ele sabia quem ele era, mas ele era tranquilo em relação a isso, ele sabia, o momento de terminar. Pessoas novas vão vir, ele *sabia* disso. Mas eu acho que, apesar de tudo ele sofreu muito com isso. Aí em determinado momento parece que ele, apesar de toda a contribuição ele virou um velho, ele está velho, ele tem que terminar porque ele está velho. Quase que isso. Tu não ouvias falar sobre isso, mas a forma [risos]...dava para entender que era isso.

M. C. – Certo! Tu me contaste subindo as escadas, que tu vieste com ele aqui na ESEF.

L. R. – É quando ele doou os livros...tudo, depois de inaugurado, na cerimônia de entrega tudo. Porque na verdade, esse comentário é comigo, eu sempre achei que esses livros iam ficar com a Regina Guimarães, eu sempre achei. Ele tinha uma relação com a Regina assim, eles eram muito próximos e ele tinha uma confiança, há quem possa contestar isso, mas eu conversava muito com ele. Quando todo mundo ia embora era eu que ajudava ele. Porque ele tinha todo um cerimonial, quando começava a aula, ele ia ao vestiário e buscava todas tralhas no vestiário que ele iria usar gravador, livros, tudo, e colocava meticulosamente em cima da mesa dele, no final da aula as meninas trocavam de roupa e iam embora, e ficava só eu e ele, e aí aquilo tudo voltava para o mesmo lugar, aquelas roupas esquecidas, a gente tinha que juntar. Então, eu juntava tudo, colocava tudo em ordem. Quando fechava a porta, ele dava aquela olhada, mandava eu olhar o vestiário se estava fechado, então, se estava tudo perfeito. E nesse momento, era o momento das grandes conversas, que às vezes continuava no bar até a meia noite ou uma hora. Então eu sempre ouvia ele falar, nesse sentido, que quem poderia ficar com esses livros seria a Regina.

M. C. – Sim!

L. R. – Pode haver quem conteste isso, mas para mim, ele sempre falou isso. Porque ela estava sempre em função com ele, em função da escola, em função de coreografia. Porque ele tinha uma confiança extrema... Se alguém que pode, divulgar isso, não sei, se ela faria também, mas eu acho que sim, por que... Até pela continuação do trabalho mesmo, não ter parado de dançar, parado de trabalhar com dança, mas eu acho que ela faria isso. E ele achava isso! Se há quem possa ficar com esse livros seria a Regina, ou então, uma biblioteca pública, uma Universidade mesmo porque era um acervo considerável.

M. C. – Entendi. Mas o acervo veio para a UFRGS.

L. R. – Ele veio para cá. Sim!

M. C. – E ele se sentiu resguardado deixando o acervo aqui?

L. R. – *Sim, sim, sim!* Eu acho que foi um momento especial para ele. “A minha biblioteca vai ter um bom uso!” Como eu te disse se não fosse a Regina que ficasse seria em uma situação assim, Biblioteca Pública, para que as pessoas pudessem usufruir disso. E é isso que eu achava interessante no seu Rolla, essa coisa de compartilhar, essas pessoas tem que ver isso, sabe? Ele era *extremamente* cuidadoso com isso, para mexer nas coisas dele... Mas, apesar de tudo, era isso que ele queria, na verdade era isso que ele queria. Porque ele não era esse tipo de pessoa que não, não vou deixar! Sabe? No futuro vai ter alguém para aproveitar. Às vezes a gente dizia: “ai seu Rolla, mas se não...” “Ai não! A coisa não vai ficar pior do que esta[risos]. De certa forma vai melhorar, vai chegar gente com cabeça boa, e vão poder aproveitar isso.”

M. C. – Naquele momento final, então, do sepultamento dele, propriamente dito, tu estavas em Porto Alegre?

L. R. – Estava. Foi bem chocante. O velório e o sepultamento foi à cara dele. Foi com música de Chopin. Depois [risos] observando, parecia que ele tinha coreografado [risos]... O próprio [risos] sabe? Ele estava muito debilitado, sabe?

M. C. – Tu chegaste visitá-lo lá na clínica?

L. R. – Não, eu não fui visitar. Aliás, ele me cobrou muito isso, porque eu não fui visita-lo. Minha mãe também estava na mesma situação e eu estava cuidando dela. Foi bem

complicado, é uma culpa que eu carrego até hoje. Na verdade eu corri para não ver . Porque na realidade, como eu te disse, ele sempre foi meio paizão. Eu não acredito que ele estivesse passando necessidade, mas, a necessidade das pessoas... Eu acho que isso sim, depois de velho... O que estava acontecendo com a minha mãe, que era bem mais nova do que ele, mas que estava com a família toda dispersa.

M. C. – Certo. Em relação às escolas da época como tu considera a escola de dança de João Luiz Rolla?

L. R. – Eu acho que o seu Rolla tinha... Ele foi sem dúvida um grande mestre dentro disso, sabe? Eu acho que ele fez um estilo de escola, não sei se eu vou conseguir dar a proporção disso, ou não vou exagerar. Quando falam em Royal Balé aquela coisa, aquela *linha*, sabe? Quando falam em Balé Russo, lógico eu não estou tendo esta pretensão, de dizer que era isso. Mas, ele tu reconhecia, e como tu reconheces até hoje os alunos do Rolla, sabe? Ele tinha uma *linha* de escola, eu não acho... Tinha [palavra inaudível] claro que tinha, inclusive a professora dele também! Tinha gente muito boa, mas eu acho que ele tinha uma massa, se ele colocasse... Se alguém de fora, pegasse um grupo de pessoas e fosse colocando, de quem é essa escola? De quem é essa escola? A primeira que tu ias identificar. Porque ele tinha uma linha, ele tinha... Não estilo, parece pretensão, que ele mesmo não, não... Dizia que “não era isso”, mas a gente via que tinha, que era uma coisa dele. Quando eu fui... Eu passei dois meses em São Paulo com o Ademar, ele participa de um projeto lá, o Projeto Joaninha... E eu fui assistir a uma aula do Ademar, era uma aula do seu Rolla, ele ficou furioso comigo, mas eu digo isso: - seu Rolla! Não adianta, isso é o seu Rolla, depois de anos fora da dança. Quando eu vi as pessoas na barra, o mesmo estilo, a mesma educação, sabe? Só falta à malha cor de rosa, o maiozinho preto, mas é igual é igual. Eu disse para o Ademar, “isso é o seu Rolla, tua aula é o seu Rolla.” Então, eu acho que ele tem, não sei se pode dizer que é estilo, não é estilo, mas uma linha era uma coisa muito... Que tu conseguias ver quando ele colocava em barra, quando alguém levantava o braço, ou quando as pessoas levantavam o braço, isso era coisa do seu Rolla, sabe? Eu nunca... Para te falar a verdade eu nunca soube... Ele dizia que estava “entre o estilo inglês e francês” escola inglesa e francesa, que ele não tinha um estilo definido, eu nunca soube também definir isso, mas que ele tinha um estilo próprio... Ele tinha uma linha, tu sabias, tu percebias, sabe? Pelo rosto, pela forma.

M. C. – Qual a reação dele após os espetáculos?

L. R. – Ele expressava, expressava. Talvez ele não, talvez ele não, não fosse assim, olha vocês foram maravilhosos tudo, mas a forma dele se movimentar, a satisfação sabe? Porque até o espetáculo era aquela tensão terrível, quando terminava o espetáculo relaxava, entende? Então tu vias nele, sabe? A satisfação e a qualidade do espetáculo dele. Ele tinha todo um aparato para que a coisa funcionasse, tinha as mães das meninas que trabalhavam, tinha as meninas que davam aula. Então aquilo, coisa que eu nunca mais vi, espetáculo de criança e tu não ouvia um “piu”. São quarenta anos atrás também, as crianças não davam um “piu”, não tinha gritaria e histeria de mãe [risos]. E isso tudo... Olha uma coisa no Teatro São Pedro, tu olhava para cima assim, estava todas as crianças de cabecinha olhando para baixo, sabe? Tinha todo, tinha tudo uma, uma como é que fala? Uma aura de espetáculo, assim sabe? Tinha uma coisa quase que profissional [risos] Tu não ouvias um “piu”. Era uma coisa extremamente [risos]. Tinha uma... Tinha todo um, como eu vou te falar, todo um ambiente, o teatro fazia isso, tinha toda uma coisa de teatro mesmo. Aquela coisa do Teatro São Pedro, que era um horror na época, tu enfiava o pé no cupim [risos], mas tinha aquela coisa antiga. Aquela coisa... Do teatro em si. Tudo isso tinha... Bom, aí quando terminava o espetáculo a gente ia jantar fora, em casas *maravilhosas*, sabe? Parecia uma grande... Lógico que com o pessoal adulto, as crianças não! Mas aquelas últimas turmas, aí a gente tinha toda uma, uma atmosfera pós espetáculo mesmo. E ele tranquilo, bem feliz. Tu vias a qualidade do espetáculo, tu vias...Tu vias nele.

M.C. – Então nós vamos chegando ao final e este momento é teu para algum registro que queiras fazer.

L. R. – Eu acho que ele faz falta. Deixou um material humano que fez história e continua fazendo história e vai fazer história, ele ficava muito chateado quando... Com Porto Alegre nunca ter uma... Um grupo estável, de saber que havia muita gente de qualidade. Mas, foi sem dúvida um grande ser humano dentro da dança em Porto Alegre, que deixou uma história maravilhosa. Eu acho que ele como outras pessoas, como a Dona Tony, seriam importantes [risos] agora, a Dona Tony, a Dona Lia Bastian Meier essa gente seria importante ainda hoje. Pelo histórico. Bom, por terem sido eles mesmos [risos]. E eu tenho uma grande... Eu acho que muita coisa da minha vida hoje ainda devo... [choro] Até pela história, foi muito legal! Ter conhecido ele foi... Ter convivido com ele, acho que foi um cara que valeu a pena... Perdoa, desculpe! Mas, foi uma coisa, *muito legal, muito legal*

*mesmo*. Porque é sempre uma nova história... Uma visão diferente! Ele tinha um conhecimento. Ele tinha um conhecimento de dança, ele tinha um conhecimento a respeito de bailarinos. Ele era o tipo de pessoa que se ele começasse a falar e contar histórias, tu paralisava, e não queria que o tempo passasse. Aqueles jantares, assim, longos, longos. Porque ele sabia o que ele estava falando, e sabia que a gente estava interessado, chegava ao ponto de às vezes ele passar, ele mesmo passar do horário dele e depois dizer assim: “Eu sei que está tarde, tu tira para o táxi que eu fiz tu ficar muito tarde”, e eu agradecendo por ele ter ficado. E eu: “não seu Rolla, não quero capaz.” E ele “não, não, vai, vai, toma que tu tens que trabalhar amanhã”, porque eu tinha que trabalhar, pegava às seis horas da manhã. Então isso foi muito interessante, porque é uma coisa que vai se levar para sempre. E eu acho que é isso Malu, não sei se foi interessante para ti...

M. C. – Foi muito bom!

L. R. – Mas só em poder falar do senhor Rolla...

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista. Muito obrigada!

L. R. – Eu agradeço. [risos]

[FINAL DO DEPOIMENTO]